

Dr. David Turner, Matthew

Aula 8B – Mateus 18: Os Valores da Comunidade do Reino

Saudações, aqui é David Turner, e esta é a Aula 8b da aula de Mateus, sobre Mateus capítulo 18, que é o quarto discurso do Evangelho de Mateus. Os três primeiros são o Sermão da Montanha, o Discurso sobre a Missão, no capítulo 10, e as Parábolas do Reino, no capítulo 13. Agora chegamos ao quarto discurso, que fala à própria comunidade dos discípulos de Jesus e os desafia sobre alguns de seus valores básicos e quais devem ser suas preocupações básicas. Primeiramente, vamos apresentar este quarto discurso e apresentar alguns de seus temas principais.

Primeiro, é um cenário narrativo. Assim como nos três primeiros discursos, o quarto discurso tem um cenário narrativo em 18:1, onde é mencionado que os discípulos de Jesus vieram até ele e lhe fizeram uma pergunta por volta da época dos eventos do imposto do templo, no final do capítulo 17, pouco antes de os discípulos irem com Jesus para Jerusalém. Portanto, este discurso, em contraste com alguns dos outros, é uma resposta a uma pergunta que eles lhe fazem, assim como o discurso final estará nos capítulos 24 e 25.

O discurso conclui em 19:1 com a declaração característica de que, ao terminar estas palavras, Jesus partiu da Galileia e chegou à região da Judeia, além do Jordão. Essa é uma conclusão ameaçadora quando se sabe o que acontecerá com Jesus na Judeia e em Jerusalém. Portanto, esse seria o cenário narrativo.

É um tanto vago, pois "naquele momento" em 18:1 parece se referir apenas ao período geral em que Jesus começou a contar aos seus discípulos sobre sua morte e ressurreição. Embora os discípulos tenham se entristecido com esse anúncio, de acordo com 17:23, sua tristeza se transformou em especulações sobre quem é ou seria o maior no reino dos céus, 18:1. Compare 20 versículos 20 a 28. O quarto discurso de Jesus é a resposta de Jesus a essa pergunta e a uma pergunta subsequente de Pedro sobre o perdão em 18:21. A característica singular desse discurso é o uso de uma criança como recurso visual por Jesus em 18:2, antes de sua resposta verbal à pergunta dos discípulos.

O tema central deste discurso, então, é a grandeza espiritual, e a principal ilustração da grandeza espiritual não é alguém que você esperaria, como um general militar, como uma pessoa rica, como alguém como os discípulos que abriram mão de tudo para seguir Jesus. Não é um pregador, nem um diácono, nem um astro pop, nem um jogador de beisebol, mas uma criança. Quem imaginaria isso? Falaremos mais sobre isso à medida que prosseguirmos.

Agora, o quarto discurso, em termos de estrutura, não é tão estruturado. Poderíamos dividi-lo em duas partes, cada uma começando com uma pergunta, 18:1 a 20, e 18:21 a 35. Ou poderíamos dividi-lo com cada seção terminando em uma parábola, 18:1 a 14, e 18:15 a 35.

Talvez a última dessas duas abordagens seja melhor. Não tenho certeza. Portanto, em qualquer caso, o discurso se mantém coeso pelo uso de termos-chave como "crianças" em 18:2 a 5, que são identificados como os pequeninos que creem em Jesus, 18:6, 18:10, 18:14. Observe como uma criança se torna um pequenino.

Essas crianças, 18:4, devem ser imitadas e, de acordo com 18:5, devem ser recebidas como pequeninas. Não devem ser levadas a pecar ou a tropeçar, e não devem ser desprezadas, 18:6 e 18:10. O uso dessa imagem familiar para a comunidade de discípulos é talvez o motivo mais notável para expressar a grandeza espiritual neste capítulo. Os discípulos são filhos, e mesmo aqueles que pecam contra eles dentro da comunidade são seus irmãos, filhos do Pai Celestial.

A linguagem de 18:8 e 9 exibe um paralelismo cláusula por cláusula, o que é interessante pela forma como é expressado, e a repetição de duas ou três e a justaposição do céu e da terra em 18:15 a 20 são interessantes. O quarto discurso, então, trata da grandeza espiritual. Jesus usa uma criança como a lição objetiva máxima de humildade e do dever de hospitalidade para com os condiscípulos, 18:3 a 5. Em seguida, ele se volta para o oposto de hospitalidade, que é a ofensa, e fala em linguagem vívida sobre o fim horrível que terá qualquer um que fizer um discípulo de Jesus cair em pecado, 18:6 a 14.

Em seguida, vêm as instruções sobre como lidar com irmãos que pecam, em 18:15 a 20, e a resposta à pergunta de Pedro sobre longanimidade e perdão, o que nos leva à parábola do servo incompassivo, em 18:21 a 35. O discurso se mantém coerente com a preocupação de Deus pelos pequeninos que creem. Sua condição humilde é zelosamente guardada pelo Pai Celestial.

Ai daqueles que fazem os pequeninos pecarem, 18:7. Seus pequeninos devem lidar prontamente com o pecado em seu meio, no entanto, e a solenidade do processo de disciplina sublinha mais uma vez a preocupação do Pai por seus filhos em 18:15 a 20. A pergunta de Pedro, acompanhada da resposta de Jesus, sublinha a necessidade absoluta da regra do perdão na comunidade do reino, 18:35. Agora, vejamos a questão da grandeza no reino como uma questão de humildade infantil em 18:1 a 14. Mais uma vez, nesta seção, Jesus prova ser o mestre dos professores ao escolher espontaneamente a lição objetiva certa para responder a uma pergunta.

Jesus não escolhe uma criança por uma noção sentimental de que crianças sejam inocentes ou subjetivamente humildes, visto que crianças podem já exibir, nos primeiros anos, pelo menos em forma de semente, os traços que Jesus contesta

aqui. Às vezes, as crianças parecem ser tudo, menos inocentes ou humildes. Por que ele escolhe essa metáfora, então? Ele a escolhe, e aponta para essa criança vindo até ele em uma espécie de parábola encenada para enfatizar que uma criança está à mercê dos adultos e carece de status social.

Uma criança depende totalmente dos adultos, especialmente dos pais, para seu bem-estar. Portanto, voltar-se para Deus como discípulo de Jesus envolve humilhar-se como criança diante do Pai Celestial. Tal humildade equivale à dependência total da misericórdia do Pai.

Ela renuncia a qualquer poder, posição ou status que alguém possa reivindicar dos recursos humanos, e compare isso com 5:3 e 5:5. Essa perspectiva nada mais é do que uma renúncia total e uma reversão dos caminhos e valores deste mundo atual, onde a busca por progresso leva a todos os tipos de estratégias pecaminosas para alcançar a grandeza. Veja 20 versículos 26 e 27, e 23:11 e 12. O oposto da humildade é o orgulho, que, por implicação, tornaria alguém o menor no reino dos céus, se a humildade o tornasse o maior.

Humildade ou grandeza genuína leva a tratar bem os discípulos do reino, visto que equivale a tratar bem o próprio Jesus. 18:5, compare com 10:40. Mas maltratar tais discípulos tem consequências eternas. Versículo 7. Nenhum sacrifício é grande demais, nem mesmo o equivalente espiritual de cortar a mão, o pé ou até mesmo um olho, se esse sacrifício levar ao reino.

18:8 e 9. Compare com 13:44. À luz dessa polaridade de recompensa e punição, os discípulos devem examinar-se cuidadosamente e certificar-se de que não desprezam uns aos outros. 18:10. Em vez de desprezarem uns aos outros, devem ter a mesma preocupação mútua que motiva o pastor a resgatar uma ovelha perdida. 18:12 a 14.

Infelizmente, a cultura moderna continua a desvalorizar as crianças, o que era evidentemente a norma na época de Jesus. É claro que o holocausto do aborto é a prova disso, e a forma como tantas crianças são tratadas em lares monoparentais, especialmente quando o namorado da mãe trata a criança muito mal. E, claro, mesmo em muitos lares aparentemente de contos de fadas, com os dois pais vivendo em aparente paz e serendipidade, infelizmente, com muita frequência ouvimos histórias horríveis sobre abuso infantil naquela época.

A cultura moderna, então, se encaixa no que Jesus está falando aqui, que as crianças tendem a não ter status, nem valor. E assim, quando nos aproximamos de Deus como seus filhos, reconhecemos que tudo o que temos e somos, devemos a ele. E, além do nosso status em Cristo, não temos status.

Considerar-se, portanto, como uma criança diante de Deus continua hoje a exigir profunda humildade. E tratar bem crianças ou discípulos dificilmente conquistará o

aplauso do mundo. Mas tal comportamento é apenas seguir os passos de Jesus, que personifica a humildade e a preocupação com as crianças ou os discípulos.

11:25, 12:18-21, 20:28 e 21:5. Seguir os passos de Jesus dessa maneira é um comportamento contracultural, usado pelo Espírito para condenar um mundo obcecado por poder e status devido ao pecado raiz do orgulho. Compare 513-16.

Além disso, a humildade e a preocupação com os condiscípulos garantirão que, quando a disciplina eclesiástica se tornar necessária (18:15-20), ela seja aplicada com os devidos motivos. Compare Gálatas 6:1 e seguintes. Fica claro que os discípulos ainda têm muitas lições a aprender.

Jesus já deixou claro que seu próprio destino é sofrimento, morte e ressurreição, e que eles compartilharão seu destino. O sofrimento deve vir antes da recompensa, de acordo com 16:21-28. Portanto, é altamente irônico que a pergunta dos discípulos em 18:1 seja quem é o maior? Como eles podem estar tão preocupados com a grandeza tão logo após o claro ensinamento de Jesus sobre seu próprio destino e o deles, o caminho da cruz? Essa preocupação simplesmente não desaparece.

Veja o capítulo 20, versículos 20-28. Ainda hoje, os discípulos de Jesus devem lembrar-se constantemente de que a experiência do seu Senhor, o sofrimento e a cruz diante da glória, é o paradigma da sua própria experiência. 10:38, 11:29, 16:24, 20:28.

Compare uma série de outras passagens, incluindo Filipenses 2-5 e seguintes, Colossenses 1:24, Hebreus 10:32-38, 1 Pedro 2:21 e seguintes, e Apocalipse 1:9. Você diz: "Bem, são muitos versículos", e você tem razão, mas me parece que este é talvez o problema mais difícil que a igreja enfrenta hoje: simplesmente entender que precisamos ser pessoas humildes. Em seguida, vamos para Mateus 18:15-20, onde temos um processo de três etapas para corrigir um crente pecador.

Mateus 18:15-20 contém um procedimento para disciplina nos versículos 15-17, seguido por sua base teológica nos versículos 18-20. Há três etapas nesse procedimento, e a base do procedimento envolve três verdades: a autoridade da igreja, a promessa de orações atendidas e a presença de Jesus. O procedimento descrito aqui nestes versículos será necessário, visto que Jesus acaba de ensinar que as ofensas são inevitáveis.

O Pai é totalmente dedicado aos seus pequeninos, e isso determina que as ofensas entre os membros da comunidade sejam tratadas com prontidão e justiça. Seguindo o modelo do resgate de uma ovelha perdida, a pessoa ofendida deve tomar a iniciativa de trazer o ofensor de volta ao redil, 18:12 e 15. Não há espaço para a pessoa ofendida se tornar amarga ou fofocar sobre o ofensor para outra pessoa.

Compare Provérbios 25:9 e 10. Os três estágios do confronto mencionados neste processo, nos versículos 15 a 17, asseguram o tratamento justo tanto do ofensor quanto da parte ofendida, com o mínimo de alarde possível. Embora a disciplina eclesial seja frequentemente encarada com leviandade nos círculos evangélicos, trata-se de uma questão ameaçadora, um aspecto de permitir que a vontade de Deus seja feita na Terra como no céu, 6:10 . Rejeitar sucessivamente as propostas de um irmão, e, num segundo estágio, duas ou três pessoas com o irmão, e, finalmente, a igreja como um todo, equivale a rejeitar Jesus e o próprio Pai.

Observe outras passagens no Novo Testamento sobre disciplina: Gálatas 6:1-5 e 1 Coríntios 5:1-6:11. Segundo estágio: 2 Coríntios 2:5-11, 13:1-2. 2 Tessalonicenses 3:6, 14-15. 1 Timóteo 5:19-20, 2 Timóteo 4:2, Tito 2:15, 3:10. 1 João 5:16; 2 João 10, 3 João 10 e Judas 20-23.

Como podemos ter certeza de que continuamos a tratar com tanta leviandade a questão de lidar com crentes pecadores em nossas igrejas, quando o Novo Testamento tem tanto material que enfatiza que isso precisa ser feito? O perigo oposto da negligência na disciplina é ser excessivamente severo com ela. Portanto, é interessante que, imediatamente após os versículos 15-20 sobre disciplina ou correção, haja uma espécie de, se podemos colocar desta forma, um acolchoamento contextual.

Mateus 18:15-20, como Davies e Allison afirmam em seu comentário, está inserido em uma seção repleta de bondade. Jesus se referiu a seus discípulos como crianças humildes e pequeninos em 18:5-6, e como ovelhas perdidas em 18:12-13. Ele continuará enfatizando a necessidade do perdão em sua comunidade nos versículos 21 e seguintes. O pecador é descrito como um irmão, um filho do Pai celestial, no versículo 15.

Até mesmo o processo de disciplina dá ao pecador três chances de se arrepender, e aqueles que estão envolvidos nele devem se ver como agentes do Pai, que é como um pastor buscando ovelhas perdidas. O objetivo é a reconciliação e o retorno ao rebanho, não a ruptura do relacionamento. O próprio Jesus promete solenemente que, quando nos envolvemos no processo de disciplina da igreja, e o fazemos à Sua maneira, com corações fervorosos e espíritos humildes, qualquer decisão que tomarmos (versículo 18), ligar ou desligar, será confirmada no céu.

E que quando dois ou três de nós concordarmos na Terra sobre algum assunto envolvido nisso, Deus responderá de maneiras que abençoarão seu povo quando eles levarem a sério essa responsabilidade. De fato, de acordo com o versículo 20, o próprio Jesus estará presente com a comunidade nesse tipo de situação, mesmo que haja apenas duas ou três pessoas reunidas, desejando sinceramente corrigir um crente pecador, com toda a humildade e com as melhores intenções. Durante esse tipo de situação, Jesus promete que estará de fato presente com seu povo.

À luz da solenidade desses versículos, especialmente os de 18 a 20, é realmente triste como muitas vezes citamos 18:19 sobre Jesus estar conosco quando apenas dois ou três estão reunidos. Parece-me que somos muito levianos sobre isso. Muitas vezes, usamos essa expressão apenas quando há uma pequena reunião de cristãos para assegurar às pessoas que Deus está com elas.

Bem, certamente Deus está com eles, mas essa tendência que temos de simplesmente usar esse versículo de forma leviana é muito perturbadora, porque distorce uma passagem solene em um clichê humorístico. Sem dúvida, Deus está presente em qualquer reunião legítima do seu povo, seja qual for o tamanho da reunião. Mas, apesar disso, não há necessidade de usar as Escrituras de forma equivocada para provar isso.

Tirar esta passagem solene do contexto, parece-me, deprecia a passagem e profana o dever sagrado da igreja de manter a harmonia em seus relacionamentos interpessoais. Agora, nos voltamos para o que poderíamos considerar a segunda metade do capítulo, o ensinamento de Jesus, que também envolve uma parábola, sobre a necessidade de perdoar um crente pecador. Isso tende a equilibrar a necessidade de corrigir tal crente entre 1815 e 1820.

Como fica claro em 18:21 a 35, esta passagem começa com uma pergunta de Pedro, e a resposta de Pedro a essa pergunta e a de Jesus à pergunta são duas maneiras diferentes. A primeira resposta é em prosa, isto é, apenas um discurso proposicional simples, e a segunda resposta é em poesia, ou mais especificamente, uma parábola, que a responde não tanto por meio de proposições racionais, mas por meio de imagens dramáticas vívidas, versículos 23 a 34, com a aplicação ou conclusão no versículo 35. Ora, ambas as respostas, tanto a resposta prosaica quanto a resposta poética, contêm hipérboles impressionantes.

Pedro acha bastante notável, evidentemente, que ele esteja disposto a perdoar alguém sete vezes, da maneira como formula sua pergunta em 18:21. Mas Jesus lhe diz, dependendo do texto que você ler, que são 77 vezes. Alguns leriam 70 vezes sete.

De qualquer forma, a questão é que o perdão dentro da comunidade, quando há arrependimento, é algo contínuo, e não colocamos entalhes em nosso cinto por quantas vezes perdoamos nossos irmãos. Deus nos perdoou de um pecado imenso. Nada que nossos irmãos nos façam poderia ser comparado a isso.

Portanto, devemos estar dispostos a perdoar alguém inúmeras vezes. Assim, após essa resposta prosaica, Jesus conta uma história nos versículos 23 e seguintes. Essa história contém o contraste marcante entre um servo que recebeu um perdão

enorme, que exigiria o salário de várias vidas para pagar, e a recusa em perdoar uma quantia irrisória que lhe era devida, que poderia ser paga em poucos meses.

O servo perdoado mostra-se implacável e é severamente julgado pelo senhor. Assim, conforme essa história familiar se desenrola, dos versículos 23 a 27, a primeira cena mostra o senhor pagando ao servo aparentemente arrependido essa dívida altíssima. À medida que a segunda cena se desenrola, o servo que acabara de ser perdoado da dívida altíssima sai e se recusa a perdoar um conservo que lhe deve uma dívida muito insignificante.

A cena três, nos versículos 31 a 34, mostra os colegas desses dois servos relatando o caso ao rei, que fica extremamente irado e revoga o perdão ao servo aparentemente arrependido, pois seu arrependimento se mostra falso pela falta de perdão a qualquer outra pessoa que tenha pecado contra ele. Ele é entregue à prisão para ser torturado até conseguir a quantia, que seria impossível para ele ganhar. É tão grandioso.

O ponto desta parábola é muito semelhante ao de Mateus capítulo seis, que afirma que não temos o direito de orar a Deus para perdoar nossos pecados (Mateus capítulo seis, versículo doze), se não estivermos dispostos; versículos 14 e 15 de Mateus seis, que nos dizem para perdoar as transgressões que outros cometeram contra nós. Não se trata de uma situação em que nosso perdão merece o perdão de Deus, mas sim da maneira como tratamos nossos irmãos na fé que demonstra se realmente experimentamos o perdão que nos é oferecido no Evangelho. A questão é que alguém que não perdoa seus irmãos e irmãs na comunidade cristã provavelmente nunca foi perdoado por Deus, ou essa pessoa seria capacitada e capacitada a ser uma pessoa que perdoa.

O caráter implacável deste servo indica que sua súplica ao mestre em 1826 foi uma farsa e que seu perdão foi obtido sob falsos pretextos. Aqueles que foram perdoados, genuinamente, perdoam os outros. Confira Mateus 6:14 e 15, Lucas 6:36, Efésios 4:31 a 5:2, Tiago 2:13 e 1 João 4:11.

Todas essas passagens e esta parábola em particular diante de nós neste momento retratam claramente a infinita graça de Deus em perdoar nossas muitas ofensas contra Ele, e isso é contrastado com a recusa de um discípulo em perdoar uma ofensa menor contra Ele. A incompatibilidade das duas situações não poderia ser mais clara, e o ensinamento resultante é que aqueles que foram perdoados por Deus podem e devem perdoar seus irmãos na fé. Ser perdoado é ser capacitado para perdoar.

Não importa quão ofensivamente alguém tenha sido tratado por um semelhante na comunidade de crentes, não há comparação com a rebelião hedionda de humanos perversos contra um Deus santo, porém amoroso. Qualquer pessoa que tenha

verdadeiramente experimentado a compaixão do Pai Celestial teria pouca dificuldade em demonstrar compaixão genuína por um irmão que recebeu o mesmo perdão e compaixão do Pai. Talvez, ao refletir sobre este capítulo como um todo, seja difícil conciliar o processo de disciplina de 18:15 a 20 com a maneira extremamente cuidadosa como somos ensinados a lidar com outros crentes na parte inicial do capítulo e também na última parte, onde o perdão é enfatizado.

Mas tanto os versículos 18 a 20, onde a correção é necessária, quanto os versículos 21 a 35, onde o perdão é necessário, podem ser vinculados ao tema central deste capítulo: os discípulos são os pequeninos do Pai. São irmãos e irmãs uns dos outros. Estão juntos na primeira família, filhos do Pai Celestial.

Os discípulos desta família não ousam permitir que ela seja perturbada por ofensas. Eles não podem. No entanto, não conseguem resolver ofensas sem um espírito de perdão.

Você não pode permitir que a desarmonia divida a família de Deus. Você precisa corrigi-la. Mas a correção não pode ser alcançada sem um espírito humilde e perdoador, ou só piorará o problema.

Em termos de outra metáfora encontrada neste capítulo, uma ovelha desgarrada não pode ser deixada sozinha no deserto. Mas aqueles que a buscam devem estar dispostos a recebê-la humildemente de volta ao rebanho, perdando-lhe as suas ofensas. Portanto, há um equilíbrio muito delicado aqui entre disciplina e perdão, que deve ser mantido fielmente.

E se este for o caso, sempre que alguém não responder ao processo de disciplina e correção, a excomunhão dessa pessoa da igreja é, na realidade, um exílio autoimposto, não um exílio imposto pela igreja de forma dura e implacável, mas um exílio realizado contra todos os esforços fiéis e humildes da igreja para reconciliar esse indivíduo. Agora, para concluir nossa discussão sobre Mateus, capítulo 18, e falar em termos de como isso se encaixa nos contextos anterior e seguinte, alguns comentários resumidos e de transição. Em um sentido fundamental, a jornada para Jerusalém já havia começado quando Jesus anunciou seu sofrimento e morte em 16:21, e os discípulos, realisticamente, têm que enfrentar as perspectivas sombrias que os aguardam lá.

Isso será impossível se houver uma preocupação egoísta com a grandeza e uma consequente desvalorização dos outros. Em outras palavras, se tivermos em mente a cruz de Jesus em Jerusalém historicamente, como os discípulos deveriam ter feito naquele momento, e se nos mantivermos carregando a cruz em mente como Jesus nos ensinou que devemos em 16:24, receberemos uns aos outros como faríamos com uma criança, 18:5 a 10. Pastorearemos uns aos outros como uma ovelha perdida, 18:12 a 14.

Lidaremos com humildade e paciência, mas também com decisão, com os pecadores impenitentes em nosso meio, 18:15 a 20. E perdoaremos genuinamente aqueles que pecam e se arrependem quantas vezes forem necessárias, 18:21 a 35. Se tivermos esses valores de humildade, paciência e amor fraterno, eles fortalecerão os relacionamentos da nossa comunidade e a capacitarão a suportar os rigores que estão por vir em Jerusalém e além.

Portanto, o modelo que Jesus inculca aos seus discípulos neste ponto estratégico da narrativa, ao se aproximar das provações que o aguardam em Jerusalém, é apropriado para termos em mente enquanto aguardamos as provações que nos aguardam neste mundo. Precisamos ser fortes juntos, porque o que recebemos de fora pode ser extremamente difícil de suportar. Bem, quando olhamos para o futuro, a partir de Mateus 18, ao chegarmos a Mateus 19, versículo 1, a jornada para Jerusalém de fato começa.

Jesus preparou seus discípulos para isso enfatizando esses valores do Reino. Ele continuará a modelar esses valores como os que inculcou aqui no capítulo 18, em passagens como o capítulo 19, versículo 14. Infelizmente, os discípulos continuarão a lutar com a noção mundana de grandeza.

O capítulo 20, versículo 20, deixa isso claro, e a perícopa ali presente. Portanto, a escolha é claramente colocada diante de nós nesta passagem. Ou seja, nos vemos como seguidores de Jesus que desejam modelar nossas vidas segundo os seus próprios valores.

Para pensarmos sobre a perseguição e as aflições que vêm sobre nós de fora, precisamos ter relacionamentos adequados com nossos irmãos na fé dentro da comunidade cristã.